

Abertura official dos cursos (*)

pelo

Prof. FABIO BARROS

Cathedratico de Physiologia

Meus senhores.

Designou-me o voto da maioria desta Congregação para falar na cerimonia com que a nossa Faculdade celebra, solememente, a inauguração dos seus cursos no corrente anno.

Que a honra da escolha haja recahido sobre o mais obscuro dos professores que aqui labutam, é cousa que se não explica, nem se justifica, a menos de suppor que tenhaes resolvido, de commum accordo, sacrificar o brilho e a imponencia deste acto á intenção benevola de arrastar á primeira linha, nesta celebração academica, a quem sempre occupou, satisfeito, o seu lugar entre os ultimos.

Seja como for, a nimia gentileza com que assim me distinguistes, crea para o obscuro professor de Physiologia uma situação das mais difficeis, que jamais lhe coube defrontar. Porque, em summa, que poderei eu dizer, que esteja á altura desta solemnidade? Que idéas, que conceitos, que opiniões poderei formular que já se não tenham apresentado, como pensamentos vulgares, ao vosso esclarecido espiri-

to? Que problemas poderei abordar, que a vossa intelligencia já não haja illuminado com os lampejos do vosso raciocinio?

Pois que me obrigaes a falar, soffrei que vos diga duas palavras sobre a maneira pela qual entendo o ensino medico e sobre a orientação que, me parece, lhe devemos dar na nossa Faculdade.

E' uma verdade, já muitas vezes enunziata, que todo o ensino presuppõe uma doutrina e um methodo, pois a falta de doutrina leva ao scepticismo scientifico, e a ausencia de methodo conduz ao empyrismo mais grosseiro.

A medicina, como as demais sciencias, soffreu em todas as epocas, a influencia das idéas geraes reinantes. Tem sido este o seu maior mal. Mal inevitavel, mas sempre um mal; o que fez dizer a Plinio, que a mais importante das sciencias, a que tem como objecto a conservação da nossa saude, é, infelizmente, a mais incerta, a mais obscura, a mais agitada por constantes mudanças. Não foi sem alguma razão, que o sceptico Montaigne, cujos escriptos não primam pela sympathia com que tratam os medicos, se aproveitou dessa instabilidade

(*) Discurso proferido na sessão especial da Congregação, a 1. de abril de 1924.

das idéas medicas para alimentar a mordacidade das suas referencias aos discipulos de Asclepius. *Avant la guerre peloponnesiaque* (escreve o moralista amargo) *il n'estoit pas grands nouvelles de cette science. Hyppocrates la meit en credit: tout ce que cettuy cy avoit estably, Chrysippus le renversa: depuis, Erasistratus, fils d'Aristote, tout ce que Chrysippus en avoit escript: aprez ceulx cy, surveindrent les empiriques qui prindrent une voye toute diverse des anciens au maniere de cet art: quand le credit de ces derniers commença à s'envieillir, Herophilus meit en usage une aultre sorte de medecine, qu'Asclepiades veint à combattre et aneantir à son tour: à leur reng gaignerent autorité les opinions de Themisson, et depuis de Musa; et encores aprez, celles de Vexius Valens, medecin fameux par l'intelligence qu'il avoit avec Messalina: l'empire de la medecine tumba du temps de Neron à Thessalus, qui abolit et condemna tout ce qui avoit esté tenu jusques à luy: la doctrine de cettuy cy feut abattue par Crinas de Marseille, qui apporta de nouveau de regler toutes les operations medicinales aux ephemerides et mouvements des astres: manger, dormir et boire, a l'heure qu'il plairoit à la lune et à mercure: son autorité feut bientot aprez supplanté par Charinus... (1)*

Não seria difficil, imitando a facecia de Montaigne, proseguir pelos seculos a dentro, e mostrar que cada geração de medicos e de pensadores, trouxe ás cousas medicas num acervo de idéas e uma orientação, que a geração seguinte se apressou em substituir, de sorte a não ser estranho o caso do medico de Molière que, surpreendido a querer explorar o figado no hypocondrio esquerdo, responde, imperturbavelmente, com a maior convicção: *Nous avons changé tout cellá.*

Em nossos dias, tem-lhe sido nefasta, como a todos os ramos do conhecimento, as doutrinas materialistas, quer se nutram do positivismo de Comte, quer se alimen-

tem do evolucionismo spencerista, que a levam a aspirar e prometter mais do que ella, em verdade, pode prometter e aspirar.

Semelhantes pretenções são a consequencia do deslumbramento exercido sobre certos espiritos, pelos progressos da biologia, que tende a fundir em si todas as demais sciencias, erguendo-se ella propria á cathedra de sciencia suprema, de *Summa scientiæ*, prestes a declarar não existentes quaesquer fórmulas de conhecimento, que se não subordinem ás suas leis, ou não possam ser demonstradas pelos seus methodos. Não é, sem duvida, de hoje, a doutrina que attribue ás sciencias de observação externa o conhecimento absoluto da natureza das cousas, o saber certo e definitivo, o saber totalmente unificado, como sonhou Spencer.

Sob fórmula rejuvenescida, que mais isto é que a metaphysica dos systemas estheticos racionais de Platão e Aristoteles, transportadas para o terreno da experiencia, pretendendo o primado das consciencias, metaphysica bastarda pela grosseria do seu materialismo mechanista, que varre, como bem diz Boutroux, (2), do principio das cousas, tudo que lembra a intelligencia e a liberdade humanas?

Que de admira, pois, que a medicina, seduzida por esse horizonte de miragem, se julgasse capaz de abraçar no seu ambito, desmesuradamente alargado, a vida no seu conjuncto das suas origens mais obscuras, aos seus fins mais insondaveis, com a ajuda das sciencias physico-quimicas, servas humilimas e docéis de suas pretenções?

Parece ter sido em vão que Gaubius lançou o aphorisma: *Malo cohüere gradum quam per tenebras illidere*, e que Du Bois Reymond atirou, como um marco ás fronteiras do conhecimento, o *ignorabimus*, que tanto alarmou os crendeiros da sciencia absoluta. Fóra dos limites da experiencia objectiva permanecem um sem numero de problemas que desafiam as mais subtilezas de investigações. Du Bois Raymond enumera, entre, estes, a essencia da materia e da

1 — De Montaigne — *Essais*.

2 — Boutroux — *Science et Religion*.

força, a origem do movimento, a origem da sensação simples, a liberdade da vontade. Nenhuma experiencia, com effeito, poderá submetel-os a analyse ou decompol-os nos seus termos. Ora, diante desses factos incontestaveis, só havia dois caminhos possiveis: ou negar simplesmente a existencia de taes problemas, ou declarar fallida a sciencia, e com ella a medicina, uma vez que, no conceito dos philosophos materialistas, não pôde existir conhecimento a que não cheguemos por intermedio das sciencias experimentaes.

Bem pezadas as cousas, não é da fallencia da sciencia que se deveria falar, mas da fallencia de suas pretenções exorbitantes. Ficará ella intangivel na sua integridade, se se resignar aos seus dominios proprios, dominios que o methodo experimental poderá enriquecer, mas não alargar. Que a biologia, que mais de perto nos toca, só accete como definitivas as conclusões da experiencia, bem. Mas o que a experiencia descobre é a relação constante dos phenomenos, as leis que presidem á sua manifestação.

E' tambem neste methodo, graças principalmente ao genio de Claud Bernard, que a medicina deve fundar as suas esperanças, sem esquecer, todavia, que elle impõe uma limitação natural á sua extensão e ao seu alcance philosophico, e que desta limitação depende a sua maior utilidade pratica, libertando-a das incertezas decorrentes da variedade das opiniões, impondo-a a todas as intelligencias, por tornar definitivas as suas conquistas.

Deante destas conclusões, perguntamos, não será possivel, em medicina, ter uma doutrina, por que o digamos, independente e a margem de todas as doutrinas, ou, de outro modo, um ponto de vista geral, que escape ás oscilações das concepções ou das doutrinas de cada epoca? Parece-nos que sim. Todos os problemas medicos, desde os mais remotos tempos, gravitam em torno de duas noções fundamentaes: a vida e a doença.

Dir-se-á que estas duas noções são su-

ceptiveis de interpretações differentes e que, portanto, da interpretação que se lhes der, dependerá a orientação dos problemas medicos.

Assim haveria de ser, em verdade, se a medicina continuasse puramente especulativa, com suas fronteiras por determinar, variando ao sabor das brisas philosophicas. Desde, porém, que a experimentação traça o limite intransponivel á sua curiosidade, desde que o que ella procura dominar, nas alternativas dos problemas da vida, é, não a origem ou o destino final de cada existencia, mas as leis e as correlações dos phenomenos, desaparece a objecção. Toda idéa ontologica, como toda preocupação teleologica, serão desde logo afastadas, não como inexistentes, mas como extranhas ás suas cogitações.

Pouco importa indagar, consoante qualquer das duas escolas em que se integra a variedade das doutrinas, se a vida resulta do jogo dos órgãos, ou se, pelo contrario, é uma causa, uma força, que como tal se nos revela, dominando o organismo, presidindo ao seu desenvolvimento e á sua conservação.

Entre estas duas opiniões que se contradizem, qual a verdadeira? A alçada da medicina, emquanto se occupa com as doenças e com os meios de as combater, não cabe resolver a contenda.

Baste-lhe conhecer as relações geraes e constantes dos phenomenos, a harmonia do seu equilibrio, as leis da sua dependencia, cousas todas de que a experimentação nos pôde revelar o segredo, sem nada exprimir ou prejudgar sobre as causas que os produzem, ou sobre o porque das suas manifestações.

Dois caminhos se nos offerecem, para o estudo dos phenomenos da vida, no organismo são e no organismo doente: o da descoberta de factos novos, e o da critica e coordenação das verdades adquiridas, com o que se consolida a herança dos grandes creadores.

A nós, pelo proprio espirito da missão

que nos incumbe, cabe a segunda tarefa, que é a mais modesta.

A mais modesta, mas não a menos fatigante.

Em época qual a que atravessamos, de tão abundante produção científica, de formidáveis trabalhos de investigações e pesquisas, de um labor incessante em centenas de laboratórios, que se multiplicam, de dia para dia, armados da mais moderna aparelhagem, não é fácil tirar da massa dos materiaes accumulados os factos scientificos positivos, separando-os das simples hypotheses a verificar, ou mesmo das creações de phantasia a que por vezes o talento e o genio imprimem o selo da verdade.

E ainda assim, nessa triagem necessaria, quantas vezes nos não deixamos levar pelas exterioridades brilhantes de uma concepção, atrahidos pela logica, mais apparente que real, á conclusões que somos obrigados a repudiar pouco de pois! Tanto é verdade que a evolução scientifica procede por avanços e recuos, se faz a custo de retificações e retractações constantes, retractações e retificações que constituem o mais alto penhor de nossa dignidade intellectual.

A certeza absoluta, a certeza mataphysica, disse já, é o opposto do espirito scientifico. Que póde haver, com effeito, de absolutamente certo, na apreciação dos processos pelos quaes a natureza realiza os seus phenomenos de toda especie, se não temos outro fiador dessa certeza, sinão a imperfeição dos nossos sentidos?

Alludindo a imperfeição dos orgãos dos sentidos, que são os unicos informadores que possuímos do mundo exterior, não nos referimos, apenas, á sua insufficiencia para penetrar na causa dos phenomenos; queremos assignalar os erros que elles nos levam a commetter.

A velha philosophia sensualista, de Loke e de Condillac acreditou deixar uma verdade eterna nesse aforisma — *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu* ». Pensando assignalar a fonte de to-

das as nossas idéas, determinou, em verdade, a origem dos nossos erros.

Não alludo, evidentemente, á contingencia fatal dos conhecimentos humanos, ligada á estructura particular dos apparatus sensoriaes.

Quanto percebemos ou sentimos provem de uma vibração especifica de nervos, que vae despertar, na massa cinzenta do cerebro, outras vibrações e faz desabrochar as imagens. Associamos essas imagens e as projectamos cá fóra na tela cinematographica do espaço. Eis a que se reduzem as nossas verdades. Nesse sentido, só uma cousa existe, indiscutivelmente, para nós: as nossas sensações. E estas são essencialmente distinctas das chamadas realidades objectivas, que com ellas não se pôdem identificar.

Nem nos é licito affirmar que dessas realidades tenhamos uma imagem approximada. Que realidade têm, com effeito, independente do espirito que observa, a forma ou a côr? O mais que podemos dizer é que a imagem retiniana das cousas é geometricamente exata, em relação a estructura do orgão visual.

Dos incontaveis milhões de vibrações que agitam o ether, um numero limitadissimo nos inpressiona a retina, ou fere o tympano; as restantes, em numero infinito, é como se não existissem para os nossos olhos e para os nossos ouvidos, e como se não existissem são as formas, as cores os sons que lhes correspondem. A physiologia da visão e da audicção, estudando essas funcções, traça os limites alem dos quaes os orgãos respectivos deixam de nos fornecer noções exatas.

Mas, já disse, não encaro o problema por esse aspecto subtil. Os erros que referi, e poderia multiplicar-os, são communs a todos os homens, quiçá, talvez, a todos os animaes, e, quando num erro adquire essa generalidade, por um accordo tacito, deixa de existir, ou deixa de ser erro.

Mesmo, porém, para a relatividade dos nossos conhecimentos, já ninguem deposita, hoje em dia, uma fé ilimitada no teste-

munho dos sentidos. A esphericidade da terra, a sua rotação diurna, a distancia dos astros, o volume de suas massas, podemos dizer, todos os conhecimentos astronomicos, são outros tantos desmentidos opostos á exatidão das suas informações.

O mesmo podemos affirmar da gravidade do ar, da descontinuidade do som e da luz, e de uma multidão de noções de physica e mechanica, das quaes osapparelhos de sensibilidade especiaes nos offerecem interpretações erroneas ou defeituosas (3).

E' certo que o instincto de curiosidade, trabalhando o engenho humano, ajudado pelo progresso da physica, da mecanica, da chimica, augmenta, cada vez mais, o nosso poder de observação, dotando-nos como de sentidos supplémentares, inventando instrumentos de precisão que consentem ver de mais perto os phenomenos, decompondo-os nos seus elementos. Ainda sim, com taes recursos, não conseguimos, não conseguiremos saber o «porque» das cousas; mas já é muito que chegemos a verificar como ellas se produzem, e possamos formular as leis simples da sua ordem de coexistencia ou de successão.

A codificação dessas leis, expressões de verdades relativas referentes a um certo grupo de phenomenos, constitue as sciencias particulares. Mas nem tudo, num dado ramo de conhecimento, são verdades dessa natureza. As verdades scientificas são de duas especies: verdades puramente racionais, que não passam de compromissos da intelligencia com a logica, procurando a satisfação ephemera de uma explicação plausível para as cousas que nos excitam a curiosidade e nos desafiam o entendimento, e verdades de experiencia, que exprimem as relações dos phenomenos entre si e lhes determinam a mutua dependencia, consoante uma ordem de simultaneidade ou de sequencia. E as sciencias só progridem na medida em que dellas desaparecem as verdades especulativas, substituidas pelas verdades de experiencia.

3 — Marey — «Methode graphique».

Os antigos possuíam sobre a natureza do fluido nervoso, idéas que eram tão satisfactorias, para o espirito da epoca, como as que sustentamos hoje. Como todas as ideas theoricas, aquellas eram simples modos de ver os factos com o fim de lhes dar uma explicação logica.

Se confrontarmos as ideas do tempo de Willis com as da hora actual, havemos de nos convencer que o verdadeiro progresso scientifico não reside numa substituição de palavras ou de theorias.

Podemos substituir os espiritos animaes de Willis pelo fluido inponderavel das modernas escolas, sem effectuar um avanço real no dominio scientifico.

Se o conhecimento humano tem progredido, não é porque as theorias modernas sejam melhores que as de outr'ora, mas porque a experimentação forneceu-nos um acervo de factos ignorados então, e porque a natureza fala nesses factos: *nunquam aliud natura, aliud sapientia dixit.*

Ora, as difficuldades da observação e da experiencia crescem com a complexidade e especialidade dos phenomenos. As sciencias biologicas, de que a medicina é uma applicação, são apenas inferiores, pela natureza complexa e pela particularisação dos phenomenos que estudam, ás sciencias sociaes. A physiologia sobre que assenta a arte medica, e que é o aspecto dinamico da biologia, apresenta em relação á physica e á chimica, uma differença capital, que deriva da differença mesma dos objectos a que se applicam.

Em que peze a opinião de materialistas, como Le Dantec, não é possível encarar os phenomenos vitaes como exclusiva e inteiramente subordinados ás leis geraes da materia. Bem ao contrario. Podemos affirmar que as forças ou elementos inorganicos se subordinam harmonicamente ás leis da vida. Quero dizer que, conservando embora as suas faculdades e os seus attributos, agindo de conformidade com as suas proprias leis, estão esses elementos sob a dependencia de certos principios, que desconhecemos, mas que evidentemente

modificam aquellas leis simples. A vida não abdica de seus direitos, e nas suas manifestações não se registrará um facto que seja exclusivamente physico ou chimico. E não nos referimos aqui, aos actos intellectuaes e moraes, que não sómente traçam um limite nítido entre o mundo animal e o inorganico, mas entre o homem e os outros animaes.

Ha mais de meio seculo, já doutrinava Guenau de Mussy⁽⁴⁾ em uma de suas memoraveis lições inauguraes:

«A união íntima, a estreita solidariedade do principio pensante e do organismo constituem um mysterio e uma surpresa para a razão humana. E' muitissimo provavel que todo o acto intellectual ou moral seja acompanhado de modificações da substancia cerebral; de outra parte verificamos diariamente as modificações physiologicas e anatomicas do encephalo, as acções toxicas ou morbidas que repercutem nelle, accarretar para o ser que pensa transformações, as vezes profundas, passageiras ou duraveis. Ha, nisso, é preciso convir, ha no espectáculo dessa influencia reciproca, um escandalo para o espirito e uma tentação de materialismo.

«Mas, não nos detenhamos sobre taes apparencias. O homem se encontra e aprecia sua verdadeira natureza toda a vez que mergulha na propria consciencia, e examina os caracteres de seus actos.

«Não! combinemos o oxiggenio, com o hydrogeneo, o azoto, o carbeno, e tanto phosphoro quanto quizermos, que não conseguiremos crear nada que possa representar ou equivaler a um acto intellectual e moral.

«Simples movimentos moleculares jamais explicarão as eternas ideas de causa, de da verdade, de bem, de bello, de infinito, que podem revellar-se no momento de uma sensação, mas que da sensação não derivam nem com ella se confundem.

A virtude de Socrates, o genio de Aristoteles, de Pascal, de Leibnitz, de Newton,

as creações de Sophcles, de Raphael, a eloquencia de Demosthenes e de Bossuet, não se resolvem em combinações chemicas.

«De resto, se o principio do pensamento e da actividade moral fosse material, elle estaria subordinado a inexoravel fatalidade que rege a materia. Toda a idea do bem e do mal, do justo e do injusto, teriam que desaparecer e com ella as bases da vida social, as esperanças do progresso e da emancipação, porque o livre arbitrio é como o direito, inscripto na consciencia humana, a todas as liberdades que reclamamos; é a justificação das aspirações generosas que nos conduzem, sem cessar, atravez as misérias e os desfallecimentos da nossa natureza, para o fim ideal que entrevemos e acreditamos poder aspirar».

E', senhores uma illusão de materialismo, o querer explicar a vida por phenomenos physico — chemicos.

Ha sem duvida, nos phenomenos vitaes, uma chimica e uma physica, que não são as mesmas dos nossos laboratorios.

Mas ainda mesmo que se possa sustentar e demonstrar o contrario, resta-nos a certeza inconfundivel de que as leis physico-chemicas, por si sós, são incapazes de explicar o mais rudimentar dos actos pelos quaes a vida se nos revela. Tal é o depoimento do creador genial da physiologia experimental.

«O que caracteriza a machina viva — escreve Claude Bernard — não é a natureza de suas propriedades physico-chemicas, mas a criação dessa machina conforme uma idéa definida... Esse agrupamento se realisa em consequencia das leis que regem as propriedades physico-chemicas da materia; mas o que é essencialmente do dominio da vida, o que não pertence nem á chimica nem á physica, é a idéa directora dessa evolução vital.»

E noutra passagem: «Chegados ao termo de nossos estudos, vemos que elles nos impõe uma conclusão muito geral, fructo da experiencia, a saber, que entre a escola que faz dos phenomenos vitaes algo de inteiramente distincto dos phenomenos phy-

4 — Guenau de Mussy — «Clinique Medcale».

sico-químicos, e a que os considera como inteiramente identicos, ha lugar para uma terceira doutrina, a do vitalismo physico, que toma em consideração o que ha de especial nas manifestações da vida e o que existe nella de conforme á acção das forças geraes.»

Do grande mestre são ainda estes conceitos: «Admitindo que os phenomenos (vitaes) se liguem a manifestações physico-químicas, o que é verdade, a questão não se esclarece por isso, pois que não é o encontro fortuito de phenomenos physico-químicos que crea cada ser segundo um plano e um designio fixos e previstos, e suscita a admiravel subordinação e o harmonioso concerto dos actos da vida. Existe no corpo animado um arranjo, uma especie de ordem que não se poderia deixar na penumbra, porque ella é, verdadeiramente, o traço mais saliente dos seres vivos... de sorte que se, considerado isoladamente, cada phenomeno da economia é tributario das forças geraes da natureza, tomado em suas relações com os outros, esse phenomeno revela um elo geral, e parece dirigido por um guia invisivel no caminho que segue, e por elle conduzido ao lugar que occupa.»

Representemo-nos, pela imaginação, duas cellulas, dois organismos elementares: identicos ambos pela sua composição chimica; ambos soffrendo a acção das mesmas forças physicas.

São as mesmas as condições geraes do ambiente, subordinando-os ás mesmas influencias exteriores. Nada em apparencia os distingue. A mais minuciosa analyse não será capaz de descobrir differença entre elles. Todavia, um realisa a sua evolução normalmente, desenvolve-se. Vae a sua actividade manifestar-se por actos funcionaes mais complexos, formando tecidos, creando órgãos, produzindo apparatus, realisando, em summa, um todo, uma organização que é um ser vivo e que apresentará, não apenas caracteres especificos, mas, ainda, conforme esse mysterioso principio de hereditariedade, os caracteres in-

dividuaes dos seres que lhe deram origem. No outro, por um motivo que escapa a mais apurada perquirição, falha essa energia particular: eil-o que se degrada; dissociam-se-lhes os componentes elementares. perecem, entregues, esse sim, ás leis geraes que dominam a materia. São dois destinos, que fazem pensar em duas químicas differentes, uma que rege os elementos capazes de viver, outra que dirige os que caminham para o aniquilamento. Que os distingue um do outro, para que diverso sejam os seus fins? Existe esse *quid* imponderavel a que chamamos vida, essa força cuja ausencia, ou cuja presença muda, derroga, por assim dizer, as simples leis da materia inorganica, e faz que os mesmos elementos, cercados por identicas condições, reajam differentemente.

O proprio systematisador da mais recente expressão do materialismo utilitario, Augusto Comte, não ousa negar que os phenomenos vitaes, no seu character biologico, sejam irreductiveis, declarando que o unico elo que se pode estabelecer entre o mundo inorganico e o organico, reside «nas leis fundamentaes peculiares aos *phenomenos geraes que lhes são communs.*»

Segundo Blum, citado por Grasset⁽⁵⁾, existe «uma distincção essencial entre uma massa inorganica, que é um *bloco*, e um organismo que é um *todo*».

Tomo ainda a Grasset⁽⁶⁾ as seguintes citações, que se poderiam multiplicar até o infinito, e em que as mesmas idéas se reafirmam, atravez da diversidade das formas. De Fouillé: «Só os incompetentes podem crer que atomos brutos dispostos de uma certa maneira, como as diversas peças de um moinho, chegarão a pensar.»

De Caro: A vida é algo differente de uma resultante de forças e propriedades physico-químicas, em dadas circumstancias. Ella precede o desenvolvimento das propriedades organicas, que por ellas se explicam. Eis, de golpe, o começo da vida collocado fóra dos phenomenos materiaes.»

5 e 6 - Grasset - «Les limites de la Biologie.»

De Renouvier: «A pretendida explicação mechanica dos phenomenos vitaes não é uma explicação da vida mesma. O aphorisma celebre de Leibnitz — *nisi intellectus ipse*, pronunciado a proposito da redução da idéas ás sensações, é igualmente verdadeiro, como um — *nisi ipsa vita* applicado á redução da physiologia ao mechanismo.»

E Blum, resumindo-os todos: «Todo ser vivo presupõe um germen vivo e é, por conseguinte, irreductivel aos simples elementos physicos-chimicos.»

De Fonsegrive, finalmente: «As leis chimicas não bastam para explicar a vida. Estão conosco, neste ponto, não apenas o raciocinio e a logica, mas a própria experiencia. As descobertas de Pasteur repelliram para o dominio das velhas theorias desautorizadas pelos factos, a these da geração espontanea. *Omne vivo ex vivo*, tal a lei que resalta de todas essas experiencias, que não são menos admiraveis aos olhos do philosopho, que instructivas para o medico e fecunda para a humanidade. Consequentemente, não é possivel passar, por via analytica, do dominio das cousas mortas ao dos seres vivos, da chimica á biologia. Pelas suas bellas pesquisas de synthese, Berthelot mostrou apenas uma cousa: é que as leis da chimica são condições necessarias da vida; mas todas as syntheses operadas no laboratorio são inertes e mortas, falta-lhes o fermento da vida; ellas não são condições sufficientes. Sem ellas a vida não póde existir, mas com ellas somente a vida não se pode revelar.»

E não vos falei, nem a tanto me arrisco, de um grupo de problemas ainda mais extraordinarios: os problemas de hereditariedade, para os quaes, os mais extremados materialistas procurarão, em vão, uma solução nas simples leis da materia.

E eis ahí porque a medicina, no ensino, ou na pratica, só consegue rasgar horizontes, emancipada de qualquer dogmatismo scientifico ou philosophico. Como sciencia da vida nas suas relações com a molestia, que é ainda uma consequencia da vida,

ella deve fugir á pretensão perigosa de inquirir das causas primarias ou finaes, objectos de cogitações mais altas e que escapam a sua jurisdicção, e limitar o seu esforço á descoberta e interpretação das leis intrinsecas que regem o organismo são, para comprehender as suas derrogações pela molestia. Ahí, estará a nossa sciencia no seu dominio proprio, e então o methodo experimental dará os seus mais bellos e fecundos fructos.

Sem duvida, a experiencia é velha como a sciencia mesma, que não conhece outro methodo para progredir. Mas, só em nossos dias, conseguimos nos desembaraçar das controversias theoricas que travavam o passo ás pesquisas experimentaes, cujas conclusões, não raro, se desviavam em construcções de pura phantasia. A essa contingencia não escaparam as intelligencias mais luminosas que têm honrado as sciencias medicas. Não foi sem difficuldade que conseguimos nos emancipar do espirito de systema, que Magendie combateu com tão grande paixão durante toda a sua vida. Nada obstante, essa emancipação ainda não é completa. As theorias puras, as simples hypotheses, transformadas em verdades indiscutíveis, o raciocinio substituindo os factos constituem, ainda, infelizmente, uma somma consideravel em nosso patrimonio scientifico, e occupam uma larga parte em nossos programmas de ensino. Estamos sempre dispostos a aceitar como difinitivas as idéas menos provadas, e a transmittil-as como dogmas, desde que tragam a chancellia de um nome illustre. Quando muito, exigimos que venham proclamadas em nome de uma experiencia, o mais das vezes, insufficiente, ou de uma apparencia de experiencia, com que interrogamos a natureza, mal dispostos, todavia, a ouvir o que ella nos responde. «Posto que desde Galileu e de Bacon — escreve Claud Bernard⁽⁷⁾ — este methodo (o methodo experimental) tenha sido introduzido nas outras sciencias, elle não tinha entrado ainda defi-

(7) — Claud Bernard *Leçons sur les effets des Substances toxiques et medicamentenses.*

nitivamente nas sciencias medicas e physiologicas, onde o entravavam e abafavam, incessantemente, as disputas escolasticas... Apenas, de longe em longe, brilharam verdadeiros experimentadores, taes Aselli, Pecquet, Harvey, Spalanzani, etc. Mais proximos de Magendie, experimentaram Haller e Bichat. Entretanto Bichat não foi um experimentador puro: pretendeu, como elle proprio o diz no prefacio de suas *Pesquisas sobre a vida e a morte*, alliar o methodo experimental de Haller e Spalanzani com as amplas vistas philosophicas de Bourdeu. Mas, cumpre dizel-o, nesta alliança perigosa, o experimentador succumbiu rapidamente, e, se Bichat se apoiára sobre factos fornecidos pela experiencia, não mais os consultou quando, arrastado pelo espirito de systema, creou as propriedades vitaes de contracção sensivel, insensivel, de exhalção, etc. Nesse momento, as amplas vistas philosophicas de Bourdeu tinham escravizado e matado o methodo experimental de Haller».

A historia se repete sempre. Ainda nos nossos dias, e com surprehendente frequencia, com a auctoridade de um methodo que exige as mais subtis qualidades de intelligencia, ergue-se uma theoria com uma experiencia mal feita, e com uma generalisação apressada. E' certo que taes theorias tem tanto de prematuras quanto de breves em sua duração, o que não impede que as acceitemos, ou defendamos, as vezes com vehemencia, as vezes com paixão, e, o que é peor, que as ensinemos como inderrocaveis verdades. Quanto melhor seria — melhor e mais util — que nos resignassemos á nossa ignorancia, confessando-a lealmente, ao envez de procurarmos preencher as grandes lacunas da clinica com verdades de convenção, e sahir de embarracos, enchendo com recursos de logica aquillo que não podemos encher com recursos de sciencia.

E' mesmo em nome dessas falhas da medicina, que nos será licito aspirar, se não que se nos desculpem, ao menos que se justifiquem os erros que commettermos.

Se a medicina fosse uma sciencia exata, um erro na sua pratica, ser-nos-ia tão imperdoavel, como o é, em face da mathematica, um erro de calculo. Mas ha mysterios nos organismos vivos, que resistem, que resistirão sempre, aos espiritos mais argutos e desafiarão, por todo o sempre, a intelligencia do homem. Eis a doutrina que convem ensinar. Será uma doutrina de duvida, mas é a unica que tem permitido o realizar algum progresso. A medicina deixou de progredir todas as vezes que della se afastou. A sua historia o demonstra. Mas nunca essa verdade se nos revelou com maior evidencia, antes que Magendie, Claud Bernard, Trousseau, Pasteur, Virchow, e outros de nomes gloriosos, fizeram da observação e da experiencia, não sómente o unico methodo da medicina, mas traçaram com ellas os limites ás suas ambições e ás nossas esperanças.

Tenhamos a coragem de confessar a nossa ignorancia porque é esse, ainda, o unico meio de demonstrar que sabemos alguma cousa. E, sobretudo, conformemo-nos com a idéa de que essa ignorancia, num certo sentido, será eterna.

Isso evitará que nutramos em nós mesmos, e alimentemos no espirito daquelles a quem ensinamos, a veledade de que a medicina, por meio da chimica e da physica, nos explicará, um dia, as origens e o fim da vida.

Quando todas as combinações chimicas e todos os phenomenos physicos, que constituem o processo das manifestações vitaes, forem conhecidos e explicados, ainda assim, não teremos resolvido senão uma parte minima dos problemas do ser. Os outros, em maior numero, ficarão fóra dos dominios da biologia, absolutamente irreductiveis ás suas leis.

«Elevando-se a essa altura, o homem não se sente mais limitado por um dos lados da sua natureza; abraça-a toda no seu conjuncto e na sua realidade. Convencidos da nossa dupla essencia, verificaremos, sem que se nos perturbe a razão, a solidariedade intima das duas forças que nos con-

dicionam a existencia, e não procuraremos comprehender a sua natureza essencial, pois que, conforme um dicto de Descartes, se comprehendessemos essa alliança, comprehenderíamos tudo, e seria necessario que tivéssemos presidido á nossa propria organização para podermos penetrar-lhe todos os segredos.»⁽⁸⁾ Nem soffrerá com essa confissão a dignidade humana: antes se eleva, porque o relativismo do conhecimento offerece-lhe a condição da maior perfectibilidade intellectual e moral e a medida exacta do seu esforço para o bem e para o util.

Na medicina esse esforço só se tornará

8 — Guenau de Mussy. «Clinique médicale».

proficuo, se ella se mantiver no campo da observação e da experiencia.

E' esse o seu methodo, e só com elle conseguiremos, de tempos em tempos, alguma nova verdade sobre os phenomenos da vida e alcançaremos surprehender uma nova relação entre elles. Taes devem ser, com effeito, o nosso methodo e a nossa doutrina, doutrina e methodo cuja superioridade tem por si o encanto suggestivo da metrica de Horacio :

Segnius irritant animos demissa per aurem

Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus
[et quæ.

Ipsæ sibi tradit spectator.